



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.31, e66675, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n31e66675

Apresentação

A Poesia Moçambicana pós-2000: temas e problemas

Beatriz de Jesus Santos Lanziero¹ 

Gabriel Dottling Dias² 

Julia Goulart Silva² 

¹Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: beatrizlanziero.medio@iserj.edu.br

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mails: gdottling@letras.ufrj.br; juliagoulart@letras.ufrj.br

Um novo número da Revista *Mulemba* encontra-se finalizado à luz de um cuidadoso trabalho de editoração e revisão, como também da colaboração fundamental dos estudiosos selecionados. A edição de número 31, intitulada “A Poesia Moçambicana pós-2000: temas e problemas”, cumpriu o objetivo de ampliar o campo crítico e teórico das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa com contribuições intelectuais concernentes ao cenário da poesia moçambicana produzida a partir dos anos 2000.

Nas palavras da estudiosa Ana Mafalda Leite, ensaísta e poetisa, “[...] a poesia é uma forma-abrigo, criada para compensar a desfasagem entre o eu e o mundo; a brecha criada entre ser e estar, entre o sujeito e a realidade social, permite ao poeta, *homo faber*, usar a palavra para criar um mundo alternativo, fazer-se matéria e cosmos verbal” (2009, p. 17). A curadoria de textos – organizada e editada por Beatriz Lanziero, Gabriel Dottling, Julia Goulart e avaliada pelo crivo dos pareceristas – buscou tecer fios da produção poética moçambicana pós-2000 entrelaçados à realidade social.

Editor-chefe

Carmen Lucia
Tindó Ribeiro Secco

Editores Associados

Marlon Barbosa
Vanessa Teixeira

Como citar:

LANZIERO, Beatriz de
Jesus Santos; DIAS, Gabriel
Dottling; SILVA, Julia.
A Poesia Moçambicana pós-
2000: temas e problemas.
Revista Mulemba, v.16,
n.31, e66675, 2024. doi:
[https://doi.org/10.35520/
mulemba.2024.
v16n31e66675](https://doi.org/10.35520/mulemba.2024.v16n31e66675)

Mapear alguns traços distintivos dessa produção foi a matéria investigativa deste dossiê. Os artigos que seguem legitimaram algumas impressões previamente esboçadas na ementa da revista. Diante do cenário mundial de globalização tecnológica e econômica, do crescimento do neoliberalismo, da aceleração das atuais dinâmicas capitalistas, sociais e comportamentais, do fim da Guerra dos Dezesesseis Anos em Moçambique (iniciada em 1977 e findada em 4 de outubro de 1992) e da agitação do mercado-leitor, levantam-se vozes poéticas moçambicanas denunciando diversas dessas questões, repensando ideologias dominantes e certas posições consolidadas do sujeito no mundo.

Ademais, com a criação da Associação Movimento Literário Kuphaluxa em 2009 e da revista Literatas em 2011, com a edição de produções poéticas individuais, com a instituição de diversos prêmios literários, com o crescimento de publicações por parte de várias editoras moçambicanas e com a realização de eventos literários, torna-se efervescente o panorama da poesia moçambicana dos anos 2000-2024. Os poetas refletem acerca da diversidade cultural constitutiva de Moçambique e deslocam os sentidos e as significações da matéria empírica e político-social, colocando-os, muitas vezes, como pano de fundo de suas produções poéticas que enfatizam dimensões existenciais dos sujeitos líricos e o trabalho estético com a metalinguagem.

Para abrir o dossiê, o professor e pesquisador Sávio Roberto Fonsêca de Freitas, com seu texto “Dos encontros poéticos na literatura moçambicana: relações inter-semióticas entre Luís Bernardo Honwana e Sónia Sultuane”, lançou, por meio de uma leitura interartística, iluminações acerca da abundância de sentidos investidos na produção poética moçambicana pós-2000. O artigo, concebendo poesia num sentido amplo, realizou a análise comparativa entre o conto “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana, e a exposição virtual *Touch me*, de Sónia Sultuane. O diálogo entre as obras deu-se por meio de uma relação intersemiótica. Gesto de investigação que se debruçou sobre a representação das mãos e as sinestésias ligadas ao tato.

À Vanessa Rimbau Pinheiro e a seu artigo “Efeito charrua: a poesia contemporânea em Moçambique ou os herdeiros de Eduardo White” coube o exercício de exposição panorâmica do tema atual. O estudo examinou a poesia contemporânea moçambicana da geração pós-Charrua, incorporando diferentes gerações poéticas à análise. A autora identificou afinidades entre essas poéticas contemporâneas, tomando como base a produção lírica de Eduardo White, falecido em 2014. Ela defende a ideia de que a renovação estética promovida por White, chamada “efeito Charrua”, marcou as novas gerações poéticas, encontrando-se nelas presente em diversos aspectos.

Não é de forma inadvertida que o artigo “O silente vazio nos ângulos da casa”, de Flávio Cavaca Lopes Ribeiro, explora o inconsciente e o fluxo criativo do sujeito poético da obra *Ângulos da casa*, da escritora moçambicana Hirondina Joshua. Ribeiro ressalta que, por meio de um passeio ontológico pelo cotidiano, a poetisa repensa

tanto o fazer poético quanto a condição da existência humana, quando também se indaga sobre a materialidade do verso. De acordo com o estudioso, o “silente vazio” dos ângulos da casa traz à tona vozes que não oferecem respostas prontas, mas sim uma compilação metafísica de formas e significados. Joshua, uma poetisa em ascensão com alguns traços surreais, dialoga com a tradição de grandes nomes da poesia africana, e olha para dentro e para fora dessa “casa” – metáfora dos deslocamentos inventivos da criação poética.

No artigo “Mia Couto, uma poesia limiar”, de Letícia Nery, propõe-se uma nova interpretação acerca da poesia de Mia Couto, fundamentada pela leitura teórica de Walter Benjamin sobre a ideia de limiar. A autora considera duas instâncias poemáticas do moçambicano: a primeira voltada para o próprio “eu”, em que o sujeito poético busca entender-se como poeta e como parte integrante de sua terra. Já a segunda instância seria referente aos “poemas do outro”. De acordo com Nery, a poesia de Mia Couto encontra-se mais próxima de um limiar, um umbral que turva as linhas firmes das fronteiras. A estudiosa conclui que a voz do poema, para o autor, ensaia o gesto da alteridade no espaço fértil de sentidos do poema, marcado por um lirismo individualizante e uma lírica de fricção com o outro.

Além da composição de artigos, a curadoria do dossiê ainda recebeu a matéria intitulada “Abra as janelas, o vento traz poesia: entrevista com Inez Andrade Paes”, da estudiosa Laís Naufel Fayer Cerri. A interlocução com a poetisa Inez Andrade Paes elucidou a compreensão de seu processo criativo, indicando algumas características literárias presentes em sua obra. O diálogo também explorou a conexão da escritora com Moçambique, país onde nasceu, e com Portugal, onde vive atualmente, apontando como essas diferentes culturas e experiências molda[ra]m sua escrita. A referida entrevista ainda desvelou nuances do caminho literário de Paes e o modo como ela concilia sua identidade pessoal com suas criações poéticas e picturais.

Em relação à seção de artigos diversos de temática livre, destaca-se o texto “Esboço de uma cartografia do feminino em um conto de Mia Couto”, de João Kennedy Romeu de Sousa. Ainda que trate de um texto em prosa, o artigo contribui para pensar as instâncias do poético que perpassam narrativas de alguns escritores moçambicanos, cujas obras operam com um conceito amplo de poético, para além da forma tradicional do gênero poesia. Elegendo como *corpus* o conto “O Cesto”, do livro *O fio das missangas* (2009), de Mia Couto, Sousa discute, criticamente, o papel feminino na sociedade moçambicana, apoiado por referências teóricas da Psicanálise e de outras áreas acadêmicas voltadas à crítica literária. O autor do artigo averigua como a personagem do conto enfrenta seus dramas cotidianos e como ela evolui ao longo da narrativa. Segundo Sousa, foi possível esboçar algumas representações femininas historicamente construídas nas literaturas e observar o desenvolvimento do processo psicanalítico da feminilidade em personagens literárias.

Outro artigo relevante dessa seção intitula-se “Força e herança poética: Noémia de Sousa, a poetisa fundadora”, de Amanda Timmen Mello. O texto evocou a trajetória da poeta Noémia de Sousa e sublinhou sua relevância para a luta anticolonial e para a consolidação da poesia moçambicana. Mello afirma que, mesmo em um período dominado pela opressão e pela censura do Estado Novo, a escritora conseguiu mobilizar um movimento de resistência, contagiando outros intelectuais africanos. De acordo com a autora do artigo, Noémia realizou um exercício denúncia de vozes moçambicanas oprimidas, especialmente das mulheres, e sua obra é vista como um símbolo de resistência, esperança e liberdade. Sua literatura inspirou diversas autoras moçambicanas das novas gerações, entre elas, a escritora contemporânea Hironcina Joshua, cuja obra é objeto de estudo do artigo de Flávio Cavaca Lopes Ribeiro, que compõe o dossiê desta edição.

O artigo de Vital Ferreira, “O novo, o velho e o futuro (im)possível: os extremos da vida em *Os transparentes*, de Ondjaki”, aborda aspectos sociais da Angola atual, focalizando em especial problemas ocorridos na cidade de Luanda. O estudo analisa a relação entre jovens e mais velhos no romance *Os transparentes* e destaca a presença e a função metafórica das crianças na literatura angolana. Ferreira demonstra como a interação entre personagens infantis e mais velhos simboliza a resistência dos jovens na narrativa. Nas palavras do autor do artigo, a defesa dos mais velhos por parte dos personagens mais novos sugere um fio de esperança em meio às distopias do presente.

Este número da revista encerra-se com a resenha intitulada “Escrever margens, apontar travessias: um romance de Boaventura Cardoso”, do pesquisador João Victor da Matta Machado, sobre o romance *Margens e Travessias*, de Boaventura Cardoso. Nela, o autor compõe um mosaico crítico constituído, tanto por sua voz autoral, quanto pela pluralidade de outras vozes críticas, tais como a de Carmen Tindó Secco, Rita Chaves e Maria Nazareth Fonseca, para interpretar o romance de Cardoso. Segundo Machado, ao serem sobrepostas as margens do texto às margens individuais de cada leitor, o próprio entendimento da relação que se faz entre ficção e história pode ser ampliado.

O campo literário da poesia moçambicana pós-2000 foi aqui costurado de forma a compor uma constelação de ideias, temas, problemas e imagens seminais. Apesar disso, reconhecemos a falta de estudos sobre diversos poetas mais antigos que continuam a produzir, como Luis Carlos Patraquim, Mia Couto, Armando Artur, Néilson Saúte, Guita Jr., Adelino Timóteo, entre outros. Da mesma forma, também há carência de análises acerca de poetas mais recentes, como Álvaro Taruma, Eduardo Quive, Amosse Mucavele, Mélio Tinga, Lica Sebastião, Tânia Tomé, Mel Matsinhe (Melita Matcinhe), Emmy Xyx, Deusa d’África, Énia Lipanga, Lorna Zita, entre outros, que vêm contribuindo significativamente para o enriquecimento da cena literária moçambicana desde os anos 2000.

Entrecortado pelos voos da palavra poética, pelas heranças literárias, pelo diálogo interartes e sua produção de significâncias, pela relação da biografia com o processo de escrita, pelo gesto da alteridade da poesia, pela representação do feminino, pela invocação da voz de Noémia de Sousa, pela metáfora das crianças, pelos interditos do futuro e pela dilatação das margens do pensamento apresentamos um panorama ainda incompleto, pois, infelizmente, são raros os livros das novas gerações que chegam ao Brasil. Por essa razão foram poucos os artigos submetidos a esta edição. Entretanto, que este número 31 da revista *Mulemba* venha a ser um instrumento de compreensão das práticas humanas e literárias do contemporâneo! E que, no futuro, possamos organizar um dossiê mais abrangente das gerações poéticas atuantes no quadro literário do presente moçambicano.

Boa leitura.